

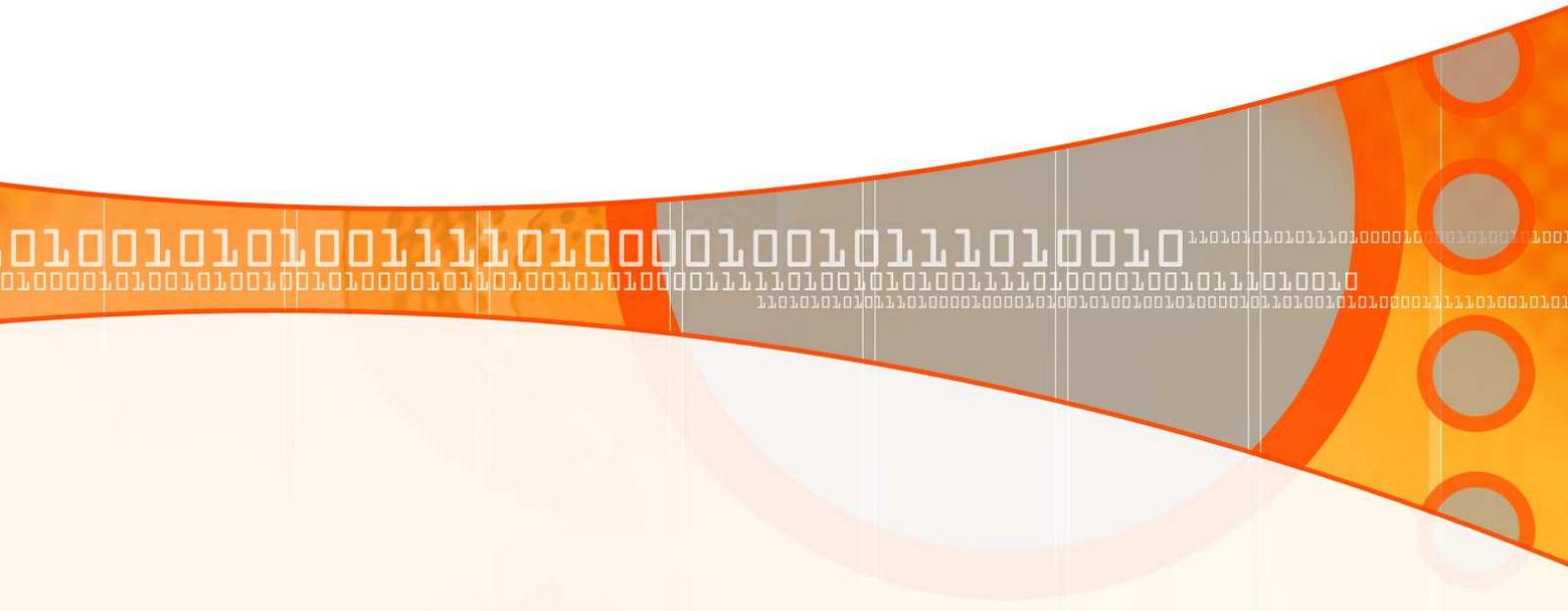


anpri

Associação Nacional de
Professores de Informática

Ensino Vocacional e a Informática

Lisboa, Outubro de 2012



A ANPRI, Associação Nacional de Professores de Informática, observa com preocupação as múltiplas notícias vindas a público nos últimos tempos relativamente às profundas alterações nas escolas e, em consequência, disso no percurso dos alunos.

Se a tecnologia é o futuro, a escola está a fazer um trabalho lamentável na preparação dos jovens. Está na hora de reformar realmente o nosso Ensino e iniciar a aprendizagem de informática nas escolas de forma a motivar e preparar os alunos para o futuro e não para o passado.

Quando falamos na escola, vislumbramos, de imediato, uma organização marcada por oposições e contradições, frequentemente afastada dos interesses das comunidades que serve, das pessoas que as constituem e nela vivem e que falha na sua missão porque parece não acreditar no princípio da educabilidade de todos.

Embora muitos estudantes cheguem às escolas equipados com competências tecnológicas, isto não os torna utilizadores maduros da tecnologia. Mesmo que seja reconhecido que as novas gerações aparentam ser tecnologicamente aptas, isso não as faz automaticamente melhores e mais eficientes aprendentes. Pelo contrário, na ausência de um acompanhamento educativo, realizado por profissionais habilitados, os estudantes não conseguem desenvolver, por si mesmos, as competências necessárias ao incremento da sua educação (OECD, 2010).

Por mais dúvidas que existam acerca do que é ou pode vir a ser esta nova sociedade, é já bastante certo e visível o enorme impacto das tecnologias da informação e da comunicação no dia-a-dia dos cidadãos e das organizações. Milhares de vagas no sector da informática estão por preencher, por falta de candidatos qualificados, em Portugal e em quase todo o mundo. Para além disto, o sector da tecnologia deve crescer muito acima de todos os outros até 2020.

Porém, o país incompreensivelmente não aproveita esta hipótese! Apesar da alta empregabilidade, o número de licenciados em informática não tem acompanhado a procura e, talvez de forma bastante mais grave, a nível do ensino básico e secundário, praticamente não existir formação nesta área. O resultado é que a maioria dos alunos acaba o ensino secundário sem nunca ter aprendido conceitos básicos de programação ou de redes de computadores, sendo praticamente analfabetos funcionais ao nível das tecnologias.

Deste modo, relativamente ao Ensino Vocacional propomos que:

- A disciplina de TIC seja introduzida pelo menos na matriz curricular do 3º CEB, de forma a que todos os alunos tenham iguais oportunidades e possam ser equiparados aos alunos do ensino regular com a aquisição de capacidades básicas e fundamentais ao nível das TIC.
- Sejam criados Cursos/Vocações virados directamente para o mercado de trabalho e em diversas áreas nomeadamente: Reparação e Manutenção de Sistemas Informáticos; Programação de Sistemas Informáticos; Multimédia; Produção Audiovisual; Aplicações Informáticas de Gestão; Redes Informáticas. Estamos também ao dispor para poder ajudar na elaboração de referenciais destas áreas.
- O número de alunos por turma deverá ser reduzido para que a aprendizagem do ofício seja real e devidamente acompanhada. A aprendizagem das TIC e da Informática faz-se por prática direta no computador. Não é pedagogicamente correto esperar que a aprendizagem se faça por observação do colega do lado.

- As disciplinas, dada a sua especificidade e constante atualização, deverão ser lecionadas por professores com formação adequada e não servir para completar horários de forma indiscriminada. Tem-se verificado uma constante quebra da lei no que toca à colocação de docentes nas disciplinas do grupo de informática, desde professores com habilitações próprias a serem colocados quando professores com habilitações profissionais concorreram para o horário, até professores com habilitações próprias a serem colocados no concurso nacional em disciplinas do grupo, passando professores com habilitações profissionais.

A ANPRI posiciona-se como uma parceira para ajudar a resolver o problema e não como factor de criação de problemas.

Referências

Are the New Millennium Learners Making the Grade?: Technology Use and Educational Performance in PISA. Paris: OECD, 2010.